

> Como construir uma vista?

> How to build a view?

por Carlos Donaduzzi

Doutorando em Artes Visuais no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Homepage: <http://donaduzzi.art>. E-mail: dzzcarlos@gmail.com. ORCID: 0000-0003-4044-8259

> Ensaio Visual recebido em 05.02.2020 e aceito em 06.02.2020

Sobre o Ensaio Visual

Este ensaio visual tem como objetivo apresentar e discutir a obra *Como construir uma vista*. Realizada através de cianotipia – um processo histórico de impressão fotográfica –, esse trabalho em estrutura de tutorial pretende abordar sobre os efeitos do exagero de imagens que transbordam desde o mundo hiperconectado e que condicionam o ato de ver. A partir das páginas e frases que o compõe, busca-se indicar possíveis soluções para a reconstrução de horizontes perdidos e como perceber o mundo sem a mediação de telas luminosas.

About the Visual Essay

This is a visual essay about an artwork called *How to build a view*. Printed through cyanotype – a historic photographic process – this work intends to present a thought about the images that overflow from the hyperconnected world and condition the act of seeing. This artwork is based is a tutorial. Yours pages and phrases purpose possible solutions for building lost horizons and how to see the world without the mediation of luminous screens.

Janela dá entender que há, *atrás* dela, esse algo que se vê, ao menos se tomamos totalmente ao pé da letra essa metáfora tradicional.¹

Uma vez eu tive uma janela. Ela era tão grande que tomava quase toda a extensão de uma das quatro paredes do quarto/estúdio que eu ocupava anos atrás. Com uma mesa postada diante da sua base, os dias transcorriam entre leituras, escrita e edição de fotografias e vídeos. Nesses dias, por inúmeros momentos, olhares vagos em direção ao horizonte eram descansos para os olhos cansados das horas diante da tela luminosa do computador.

Nesses segundos de cabeça levantada e olhares distantes, a respiração voltava a ser percebida enquanto a paisagem era absorvida. A vista por essa janela era como uma abertura e também uma barreira para o fora. Permitia ver e bloqueava os sopros de vento que tentavam entrar pelas frestas das madeiras. Por ela, o cinza e o concreto das residências ao redor não podiam ser vistos. Através dela, via-se o verde das árvores em primeiro plano, o morro longe ao fundo e o céu de cada dia que completava a sua vista.

Eu tive essa janela por muitos anos, décadas e mesmo assim nunca realizei registros fotográficos ou em vídeos do que ela permitia ver. Ao longo de todo esse tempo, simplesmente me contentei em observá-la durante diferentes momentos, ao longo das horas e das estações. Via as folhas das árvores esmaecendo, caindo,

¹ Jacques Aumont, *O olho interminável: cinema e pintura*, 2004, p. 115.

sendo sopradas pelo vento e se decompondo. Os galhos secando, o sol gelado do inverno, os ruídos e as diferentes intensidades das chuvas e, o calor escaldante dos verões que faziam os pássaros retornarem para cantar ao longo dos dias.

Ao fundo, até onde a visão alcançava, um morro quase inalterável resistia a urbanização da cidade e as todas mudanças de clima, não importava a intensidade das estações ou a agressividade dos temporais. E, nos finais de tarde de sol, o brilho quase poente ainda destacava de dourado o seu contorno quase simétrico. Era como se essa janela, como moldura, tivesse sido desenhada para abrigar na sua dimensão essa visão da paisagem. Uma composição que se alterava todos os dias entre o abrir e o fechar das cortinas, possibilitando ver um pouco de tudo o que passava diante dos seus limites.

Porém, depois de muitos anos essa janela deixou de fazer parte da minha rotina. Após alguns dias sem poder ver aquela paisagem que ela permitia e já diante da nova vista, para uma parede retangular cinza de 10 x 4,5 metros, resolvi que era preciso tentar reconstruir aquele horizonte ou talvez inventar um novo. Assim, do bloco de concreto surgiu um céu azul geométrico (Figura 1) em três tons que permitiam pelo menos suavizar o cansaço do ver que se tornou limitado.



Figura 1

Imagem da parede vista pela janela sendo pintada.

Assim, do azul do céu simulado que tentava reviver o horizonte perdido, passei a pensar nas tantas imagens que aparecem e desaparecem a todo momento diante dos nossos olhos em telas de aparelhos eletrônicos dos mais diferentes formatos. Imagens que “... vêm do mundo pra mim, sem que eu peça”² e que através das possibilidades de filtros dos aplicativos de fotografia e das redes sociais, mostram cada vez mais idealizações do mundo. Por isso, comecei a refletir se o meu céu particular não condizia com uma dessas maneiras de sobrepor a realidade que me era posta.

Desse modo, dessa presença cada vez mais constante de imagens virtuais e artificiais no cotidiano, esse ensaio visual tem como objetivo apresentar e discutir o trabalho “Como construir uma vista” (Figuras 2, 3 e 4), uma obra que surge a partir dessa percepção e que pretende discutir sobre a possibilidade de desaparecimento de horizontes e como tentar reconstruí-los.

Esse trabalho é e igualmente não, uma fotografia. Produzida através de um processo histórico de impressão fotográfica, a cianotipia – que permite a obtenção de imagens em tons azuis através do contato de um negativo ou objeto com papel sensibilizado e exposto ao sol – “Como construir uma vista” é também um minilivro que apresenta somente os títulos de possíveis capítulos, composto por 8 páginas de 20 x 28 cm cada. Assim, o texto deste ensaio segue o formato de notas para acompanhar as frases impressas nas páginas do trabalho e com isso discutir sobre o ver, mas principalmente, sobre os momentos em que se deixa de enxergar.

² Roland Barthes, *A Câmara Clara*, 1980, p. 23.



Figura 2

Como construir uma vista, 2019. (Capa e página 1).

[1] *Tente descobrir o que bloqueia sua visão e percepção. Ver muito é também não ver. É inegável, na era hiperconectada em que vivemos, não olharmos cada vez mais em direção as telas dos computadores, tablets, smartphones e tantos outros aparelhos de uso cotidiano conectado a internet. Porém, por através dessa reconfiguração de comportamento surge um ver que é cada vez mais disperso. Não olhamos, efetivamente. Vemos coisas passarem diante dos nossos olhos enquanto deslizamos os dedos pelos feeds eternamente em atualização que nos aprisionam por segundos, minutos e horas.*

[2] *Olhe por através da janela. Se possível, caminhe um pouco pelas ruas. Não espere a bateria do computador ou do telefone acabar. Olhe para fora, sinta o calor, o vento, o frio e também percorra caminhos que não fazem parte do seu trajeto tradicional. Como afirma o sociólogo francês David Le Betron, “caminhar é outra forma de tomar consciência de si, de reparar no próprio corpo, na respiração, no silêncio interior”³. Para o autor, caminhar é uma forma de resistência política, uma maneira de sentir o lugar onde se vive através dos sentidos.*

³ David Le Betron, “Ficar em silêncio e caminhar são hoje em dia duas formas de resistência política”, 2017, paginação irregular (*online*).



Figura 3

Como construir uma vista, 2019. (Páginas 2, 3 e 4).

[3] Tire os olhos do chão e das telas luminosas, olhe para os lados e também para cima. Você pode levar os seus fones de ouvido, escutar músicas ou *podcasts*, mas tente esquecê-los para poder absorver os lugares por onde passa e as situações que se apresentam. Vá sem destino e sem obrigações.

[4] Observe e escute a paisagem. Sinta o vento no seu rosto e perceba o mundo através dos outros sentidos. Contemple a cidade em que vive, a sua paisagem. É novamente sobre isso a afirmação de Le Betron sobre o caminhar:

O fato de caminhar por suas ruas sem nenhum interesse em comprar ou em gastar dinheiro, somente em vagar sem rumo, daqui até ali, porque sim, também é uma forma de deixá-las mais humanas, de rebelar-se contra as ordens que convertem todas e cada uma das interações humanas num processo econômico.⁴

Esqueça da aparente necessidade de ser produtivo a todo instante que a concepção de mundo hiperconectado tenta tornar uma regra. Aproveite o silêncio que surge mesmo diante de tantos ruídos que se sobrepõem ao longo desse processo.

⁴ David Le Betron, “Ficar em silêncio e caminhar são hoje em dia duas formas de resistência política”, 2017, paginação irregular (*online*).



Figura 4

Como construir uma vista, 2019. (Páginas 5, 6 e PS:).

[5] *Experimente e guarde na sua memória. Não fotografe. Nem tudo o que não é fotografado é perdido ou deixará de existir. Não considere fotografáveis todos os momentos da própria vida*⁵. O excesso de imagens torna o olhar condicionado a busca por cenas que podem render recompensas virtuais. E elas, tendem a tornarem-se cada vez mais necessárias para a sobrevivência na vida virtual, obviamente refletindo no outro lado, na vida a céu aberto⁶.

[6] *Mesmo assim, se o horizonte insistir em sumir, tome ar e tente se lembrar da sensação. Se a memória deixar de ver, ainda é possível tentar sentir o vento frio dos primeiros dias da primavera soprando no seu rosto enquanto o sol gradativamente vai esquentando o seu corpo que adormece deitado em uma grama de pequenos fios verdes diante de um lago. Tudo aquilo que a imagem deixa de captar é absorvido pelo corpo, do contrário, apenas teríamos uma imagem qualquer e sem contexto algum de um punhado de grama.*

[PS:] *Imagens simuladas só devem ser utilizadas em casos extremos. Viver no mundo a céu aberto segue sendo a melhor alternativa para ausências de vistas. O horizonte que eu construí para suportar a parede cinza não foi suficiente. Logo os seus três tons de azul começaram a desbotar com o sol e as sombras geométricas que se formavam a cada passar de horas e de estações mostravam que por mais real que eu quisesse que fosse – e essa não era a intenção inicial – aquele horizonte sempre seria um grande bloco de concreto sem profundidade.*

“Como construir uma vista” (Figura 5) é sobre desligar-se de imagens. As frases em cada uma das páginas apresentam ações possíveis para tentar criar ou

⁵ Ítalo Calvino, *Os amores difíceis*, 1992.

⁶ Christian Dunker, *Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano*, 2017.

recriar horizontes. Elas pretendem guiar o observador para outros olhares que não os seus habituais, indicando que eles possam escrever as suas próprias linhas sobre os seus horizontes conforme a leitura vai se desenvolvendo. Com isso, a montagem da obra em orientação horizontal propõe um caminhar que ative, mesmo dentro de um espaço expositivo, as ações desse tutorial de reabilitação do ver e dos demais sentidos.

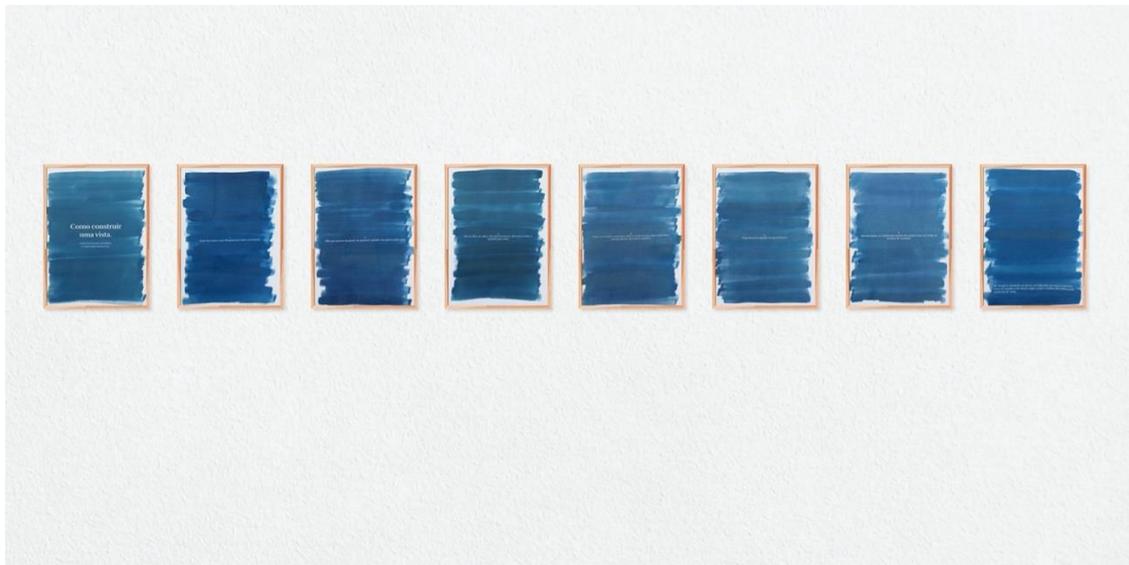


Figura 5
Como construir uma vista, 2019.

Para esse ensaio visual, a escolha pelo processo de cianotipia vai de encontro as questões propostas pelo trabalho, pois a revelação de cada página necessita de uma execução precisa de etapas que através de reações químicas, do tempo, da incidência do sol e da água que limpa os excessos fazem surgir no papel imagens guiadas pela imprevisibilidade. Cada segundo a menos ou mais pode resultar em diferentes tons de azul. E, ao oposto da parede pintada, onde a uniformidade da tinta cobriu cada centímetro do concreto, nas páginas de “Como construir uma vista” as pinceladas tornam-se aparentes. Elas destacam um processo manual, mas que diferente da função tradicional das revelações em cianotipia, não tornam visíveis nenhuma imagem figurativa.

Além das frases, os arredores das páginas com os seus distintos tons sobrepostos de azuis abrem espaço para perceber o que de fato não está impresso. Aquilo que excede o que está escrito, pois tudo o que o sol tocou tornou-se cor. Assim, cada ação é um convite para olhar por através de janelas abertas ou então para abri-las. Desapegar-se das imagens, desconectar-se das máquinas e tentar ver o mundo lá fora.

Referências

AUMONT, Jacques. O olho interminável: cinema e pintura. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

BARTHES, Roland. A Câmera Clara: Nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Editora Nova fronteira S.A., 1980.

CALVINO. Ítalo. Os amores difíceis. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DUNKER, Christian. Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano. São Paulo: Ubu editora, 2017. e-book (paginação irregular)

LE BRETON, David. Ficar em silêncio e caminhar são hoje em dia duas formas de resistência política. Instituto Humanitas UNISINOS. Porto Alegre, 24 out. 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/572949-ficar-em-silencio-e-caminhar-sao-hoje-em-dia-duas-formas-de-resistencia-politica>
Acesso em: 05 dez. 2019.

Referência para citação deste ensaio visual

DONADUZZI, Carlos. Como construir uma vista? **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 2, número 1, p. 646 – 661, junho de 2020.